

Jardim Botânico ganha autonomia

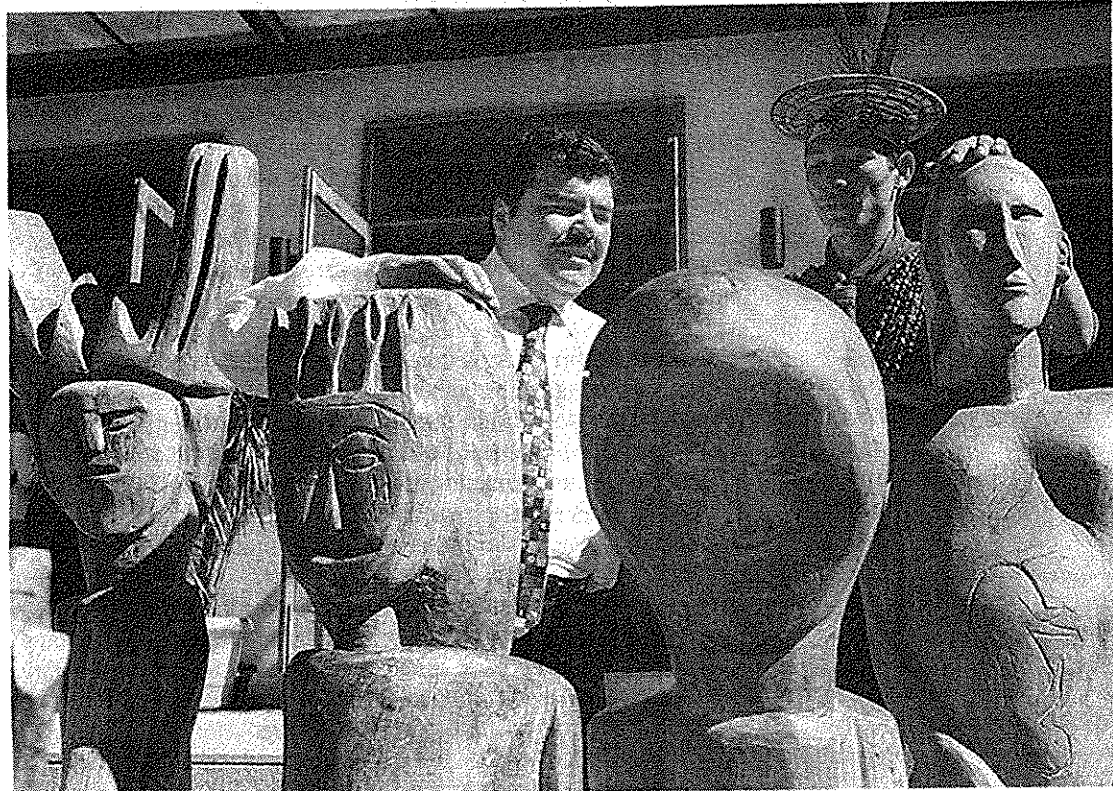
Nova autarquia vai administrar escola de pós-graduação e coordenar implantação de instituições similares em 4 estados

Foi inaugurada ontem no Rio a Escola Nacional de Botânica Tropical, a primeira do gênero da América Latina. Voltada para cursos de pós-graduação, a escola é um dos frutos da transformação do Jardim Botânico em autarquia, conforme decreto assinado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso anteontem. Com autonomia administrativa e financeira, o Jardim Botânico será responsável pela gestão da escola e poderá firmar convênios com instituições estrangeiras em apenas 48 horas.

A maior independência da instituição vai além das fronteiras do estado do Rio. O Jardim Botânico coordenará a implantação de jardins botânicos em mais quatro cidades brasileiras – Manaus (AM), Salvador (BA), João Pessoa (PB) e Ouro Preto (MG). A iniciativa é do Comitê Nacional de Jardins Botânicos, criado em 2000, que, com os novos centros, visa estimular a pesquisa científica. Ao todo serão 20 hortos, elevando para 46 o número de jardins botânicos no país.

Parceria – A ênfase na pesquisa será redobrada no Rio, onde uma parceria com a UFRJ viabilizará a inauguração, em novembro, de um laboratório de biologia molecular vegetal sediado no Jardim Botânico. Serão R\$ 400 mil em equipamentos. “O laboratório se dedicará à análise do genoma de plantas, visando à preservação das espécies”, disse o diretor do Jardim Botânico, Sérgio Bruni.

A pesquisa prática complementará a teoria da Escola Nacional de Botânica Tropical, que funcionará no Solar da Imperatriz, também no bairro Jardim Botânico. Fechado para obras



Sarney Filho observa estátuas da tribo caxinauá que irão a leilão por lance mínimo de R\$ 1.500

por três anos, o prédio, único do século 18 ainda de pé na cidade, também abrigará duas exposições sobre a Amazônia. Numa delas, produtos de atividades sustentáveis desenvolvidas na região mostram como é possível unir preservação ambiental, benefícios sociais e desenvolvimento.

Ministro – Presente na inauguração da exposição, o ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, disse ontem acreditar ser este o futuro da Amazônia. “As pessoas precisam entender que a floresta rende mais lucro e gera mais emprego se mantida como está. O extrativismo, o ecoturismo e a bioprospecção devem substituir a pecuária e a agricultura”, afirmou Sarney Filho.

O artesão André Fernando, do povo baniwa, que ocupa a parte oeste do Amazonas, é prova viva de que o ministro tem razão. Ele e mais 99 índios trabalham desde o ano passado na confecção de cestas à base de arumã, planta nativa da região. Com clientes grandes como a empresa de cosméticos Natura e o supermercado Pão de Açúcar, os baniwa trabalham sob encomenda e vendem a dúzia de cestas por R\$ 160.

Tribo – A atividade tornou a tribo mais unida, pois antes os índios iam para a Colômbia para trabalhar na extração de látex e muitos acabavam ficando no país vizinho. “A cada dia mais índios querem participar do projeto”, contou o André Fernando, ressaltando que tem o apoio da ONG Instituto Socioambiental.

“São parcerias como essas que queremos estimular, inclusive com o setor privado”, enfatizou Sarney Filho. Para isso, o ministério lançou o projeto Negócios Sustentáveis da Amazônia, que terá US\$ 5 milhões da Holanda e do G-7 (grupo dos sete países mais ricos do mundo). O programa faz parte do PPG-7, que já injetou US\$ 100 milhões na Amazônia, desde 1992.

“Os recursos vão possibilitar as parcerias com o setor privado, aumentando a produção de itens por práticas que não danificam o meio ambiente”, afirmou Mary Allegretti, da Secretaria de Coordenação da Amazônia do MMA. As atividades de desenvolvimento sustentável movimentam cerca de US\$ 240 milhões anuais no mundo.

INSTITUTO

Documentação

SOCIOAMBIENTAL JB (Ciência)

Fonte

Data 7/6/2001 Pg 12

Class. 09/04/01/7

Carlo Wrede